

DA FILOSOFIA E DA CIÊNCIA

I

Transeunte entre o nascimento e a morte, imerso numa circunstância de coisas silenciosas, o homem vê-se a braços com a inexorável tarefa de construir um significado pleno para a sua vida, ao mesmo tempo que inventa explicações para o enigma cósmico que o envolve. É todo um imperativo de lucidez que o anima, pois que somente assumida assim, a vida poderá ser melhor vivida, sem que, contudo, desapareça o carácter de fracasso que também a reveste. Lucidez donde emerge a cultura — essa aspiração fundamental à compreensão da Totalidade que atinge o seu ponto de culminância através do esforço filosófico e mediante a pesquisa científica.

Como situar, no tempo presente, a filosofia relativamente à ciência? Será que aquela apenas difere desta, pelo facto de ser mais crítica e geral como, algum dia, afirmava Bertrand Russell? Não serão os pesquisadores do Universo, de algum modo e sempre, servos de alguma filosofia, como dizia Engels? Para quê a filosofia, hoje, ante o avanço do conhecimento científico? Transmutação do pensamento filosófico numa mera reflexão acerca dos pressupostos latentes em cada ciência? Eis alguns dos temas, em torno dos quais tencionamos reflectir, sendo esta uma primeira viagem por tal matéria.

Da Vida brotam a ciência e a filosofia, porém é distinta a postura de cada uma relativamente ao Universo.

Repare-se, desde já, que a ciência, cada ramo dela, delimita *ab initio* uma determinada parcela do Universo, que irá constituir-se como seu específico objecto, ao passo que o da filosofia é a Totalidade e não uma mera parte do universal. É que a filosofia tem que se enfrentar com todos os problemas, apesar de nem sempre chegar a resolvê-los, deve, contudo, ser um saber fundamental, intencionalmente voltado para o conhecimento do Absoluto¹ ou, pelo menos, um conjunto de atitudes racionais que aspire a esse conhecimento. Neste sentido, a filosofia busca intemporalmente o primeiro princípio, obviamente originário — é metafísica. Ora, o esforço científico como que renuncia a isso, já que se a física, por exemplo, nos revela leis rigorosas à cerca da mutação da matéria, não obstante nada nos diz a respeito da origem dessa matéria, tal como a biologia não conseguiu desvelar o enigma da vida. Os princípios da termodinâmica, as equações do campo electromagnético, a teoria quântica e a da relatividade nada nos dizem, afinal, de radicalmente importante à cerca do problema fundamental: o do Absoluto. Pois, como afirmou Ortega y Gasset, «aonde acaba a física, não termina a questão; o homem que existe por detrás do cientista necessita de uma verdade integral e, queira ou não, pela própria constituição da sua vida, precisa de uma ideia integral do Universo»² — de facto, a verdade científica é uma verdade incompleta, nada nos diz, por exemplo, à cerca do mundo do Homem, ou seja, do mundo da liberdade e da responsabilidade. Sendo a ciência pela sua própria natureza, indiferente à moralidade, necessita de uma razão crítica, da filosofia, para se não transformar em mero positivismo, em ciência sem consciência.

Com efeito, a ciência não pode constituir-se como um fim absoluto e disso já alguns eminentes cérebros se deram conta, perfilando uma postura assaz incisiva, aliando à sua

¹ Cf. Abranches de Soveral, E., «Pascal, filósofo cristão», pág. 17, Liv. Tavares Martins, Porto, 1969.

² Cf. Ortega y Gasset, José, *O. C.*, vol. VII, pág. 311, Editorial Revista de Occidente, Madrid, 1964.

condição de sábios a de vigilantes morais — pensamos, sobretudo em Albert Einstein e Oppenheimer.

Mas, será que a missão da filosofia há-de resumir-se a uma intransigente defesa da dignidade humana? O filosofar será apenas «sagesse» e não conhecimento, como escreveu Piaget?

De facto, o filósofo não está presente nos laboratórios, todavia ele nada cria no vazio e, na medida em que a razão humana se contitui, em última análise, unitariamente, o seu esforço terá de se articular com os dados das ciências, pois, o que de verdadeiro venha a afirmar, não poderá ser negado pela ciência, sob pena da sua reflexão não passar de um frívolo devaneio, muito embora cada acto humano e, portanto, o próprio acto gnoseológico, esteja profundamente influenciado por uma imensa dimensão de fantasia — é que todos possuem, afinal, a marca humana...

Filosofia e ciência herdaram o característico afã da religião e da mitologia, sem, no entanto, caírem no dogmatismo que as define. Surge-nos a filosofia preocupada em nunca se estruturar como possuidora de um saber definitivo, a menos que se identifique com a fenomenologia, entendida esta em termos estritamente husserlianos, quer dizer, encarando-a como um esforço para tentar captar, radical e definitivamente, a essência da realidade — a Verdade. Todavia, nenhuma ideia atinge o grau de absoluta certeza, pois não vai além de crenças e probabilidades, já que qualquer teoria aparece sempre como muito problemática. Se os dados, de certo modo fecundos das diversas ciências constituem um inalienável auxílio para a reflexão filosófica, não se apresentam, porém, como uma base sólida e, sobretudo, definitiva — o homem não consegue construir, por exemplo, a verdadeira cosmologia, porque lhe escasseiam os meios, repare-se que desde logo uma inultrapassável limitação o envolve: sòmente através da sua perspectiva lhe é possível contemplar o universo enigmático. Além disso, muito embora intencionalmente voltadas para o campo ontológico, as diver-

sas ciências muito pouco nos dizem àcerca da grande questão que sempre tem preocupado as inteligências verdadeiramente filosóficas — a problemática do Ser. Da Antiguidade aos nossos dias, a pergunta radical permanece sem resposta: o que é o Ser?

Porém, a vida — a vida humana de cada um, entenda-se — porque demasiado curta, não pode aguardar que as ciências expliquem o Universo, em si mesma ela apresenta-se como *urgência*, tarefa a realizar num tempo escasso — o da sua duração. E surge ao homem a necessidade de esclarecer a sua aventura vital, não em termos estritamente científicos, mas em firmes coordenadas de acção. A vida é pensamento lançado na acção e, neste sentido, mais do que um problema de conhecimento, ela aparece-nos como questão axiológica — trata-se, afinal, do problema do homem e do seu destino. Mas, talvez a este respeito, o esforço humano seja mais valioso pela radicalidade das suas interrogações que pelas respostas até hoje formuladas.

Por outra perspectiva, atente-se em que esse saber sem pressupostos que usualmente se designa por reflexão filosófica, quase sempre se ocupa de problemas emergentes do quadrante científico, da zona, afinal, em que se não discutem as aptidões gnoseológicas humanas já que um optimismo mais ou menos ingénuo lhe assiste a cada momento — problemas tais como, por exemplo, as interrogações àcerca dos princípios dos seres, das coisas, das suas estruturas ou àcerca dos mais importantes métodos, como o da indução (será legítimo e se o fôr, em que termos, esse salto do singular para generalidades?). Todavia, apesar de ter plena consciência da relatividade que lhe é imposta na atitude gnoseológica, com efeito, tenhamos bem presente que o filósofo é prioritariamente um ser humano, de «carne e osso» como dizia Unamuno e, portanto, logo condicionado por uma perspectiva espaço-temporal), ele acaba por radicar na sua própria razão, aquela aspiração que permanentemente o preocupa — ou seja, a conquista do que na Antiguidade se designava por «eidos», aliás, factor determinante de

qualquer experiência filosófica. Saber eminentemente lançado para uma total unificação, a filosofia ultrapassa, quer nos seus designios, quer no seu proceder metodológico, o esforço exigente, mas limitado, que preside a qualquer pesquisa de natureza estritamente científica — para além da «*strenge Wissenschaft*» de que fala Husserl, a filosofia deve apresentar-se como uma totalizante «*weltanschauung*», aonde a par das exigências de acção racional perfile as de uma firme intervenção no mundo vital. Exemplos do que se refere, encontram-se nos rumos postulados por movimentos como os da Filosofia dos Valores ou do Existencialismo e por pensadores da estirpe de Hegel ou de Nietzsche.

E se a índole do pensamento contemporâneo parece afastar-se do enigma do átomo para se voltar para o Sermão da Montanha, que o mesmo é dizer, desviar-se de uma ontologia para se preocupar com uma ética, isso mais não é do que resultado do actual momento do processo histórico por demais necessitado de uma profunda purga que sòmente cérebros verdadeiramente filosóficos poderão levar a cabo — não era Nietzsche quem apontava como missão para filósofos, a de serem médicos da civilização?

Não se vê, por outro lado, fundamento bastante para um certo endeusamento actual do conhecimento científico, dada a superficialidade em que, afinal, radica. Não é acertado falar em morte da filosofia, resultante da tomada de consciência de que, frente aos problemas por ela própria levantados, lhes não apontar qualquer solução, até porque, se bem pensarmos, as soluções é que provocariam o seu epílogo... Aos que assim pensam, ocorre recordar-lhes que, como escreveu Pascal, escarnecer da filosofia é, afinal, filosofar...

Filosofia e ciências constituem o mais alto esforço humano com vista à captação da verdade — verdade que, mais não é do que a plena unificação do Ser, isto é, descoberta do sentido oculto de quanto rodeia o homem, mediante metodologias específicas, mas orientadas para um único fim: o de conquistarem a Felicidade, ou seja, a

ambição maior de todas as atitudes humanas. E se parece impossível alcançar a verdade integral, não obstante, como Camus escreveu, «tem este mundo, pelo menos, a verdade do homem e a nossa tarefa consiste em lhe dar as suas razões contra o próprio destino», tarefa, afinal, somente conseguida se, aliada à investigação científica, a reflexão filosófica se puser em marcha.

(continua)

Luis de Melo Araújo

Bolsheiro do Instituto de Alta Cultura (*Projecto de Investigação PL/1*)